

OSWALDO DE CAMARGO

# A descoberta do frio

*Novela*



# Sumário

*Prefácio* — Clóvis Moura, 9

A DESCOBERTA DO FRIO, 17

*Notas*, 131

## Prefácio\*

*Clóvis Moura*

Indaga-se, há muito tempo, por que no Brasil não há uma literatura negra, a exemplo dos Estados Unidos. E mais: perguntamos por que os escritores mulatos brasileiros, em vez de se integrarem numa ideologia negra, procuraram e procuram *branquear-se*, passar para o outro lado, refletindo isso na temática e no conteúdo das suas obras. Questionar isso sem fazer uma análise mais aprofundada do problema seria cair no academicismo. Não podemos negar, porém, que o colonizador, no Brasil, estabeleceu um sistema classificatório racial que leva a que aqueles que são um pouco mais afastados das suas matrizes africanas procurem destacar esse fato, conseguindo, através de mecanismos sociais muitas vezes inconscientes, mas atuantes, situar-se, cada vez mais abertamente, ao lado do contingente *branco*.

\* Texto publicado na primeira edição de *A descoberta do frio*, lançada em 1978 pelas Edições Populares.

Esse ideal de branqueamento levou ao fato de que a maioria dos escritores que poderiam ter dado uma contribuição para se projetar uma literatura negra no Brasil acabou se postando em uma posição oposta. Os negros que fizeram literatura no Brasil, a fim de não se marginalizarem intelectualmente, obedeceram (ou tiveram de) aos padrões estéticos brancos, à temática branca, situando-se em uma posição de dobradiças amortecedoras de uma consciência étnica — e de classe — do negro brasileiro. Um Cruz e Sousa, um Henrique Castriciano, uma Auta de Souza, todos, mais ou menos intensamente, branquearam a sua posição, o seu ideário e a sua mensagem.

Os mulatos, por seu turno, contribuíram menos ainda. Um Olavo Bilac, um Alberto de Oliveira e tantos mais nada trouxeram, como artistas, para a conscientização do negro. O caso extremo desse absentismo é, certamente, Machado de Assis, apesar da tentativa de justificá-lo, como fazem os seus defensores profissionais. Duas exceções devem ser destacadas: Castro Alves e Lima Barreto. O primeiro, embora sem uma consciência explícita das suas origens, foi o grande cantor do negro no Brasil; o segundo, assumindo, em nível de consciência étnica, sua posição de mulato e de negro conseqüentemente, trouxe para a novelística brasileira toda uma problemática apaixonante e que, ao mesmo tempo, denuncia a nossa falsa “democracia racial”.

Essas considerações iniciais devem ser destacadas antes de tentarmos fazer a apresentação do livro de Oswaldo de Camargo. Inicialmente devemos dizer que ele é um escritor negro não apenas pela cor, mas, fundamentalmente, pela posição diante dos problemas do Homem e do Mundo.

Como negro, tinha duas opções: seguir os preceitos de uma temática branca ou enveredar pela áspera estrada dos que procuram transformar em obra de arte o seu drama — drama que advém exclusivamente do fato de estarmos em uma sociedade branca. Equivale a dizer: Oswaldo de Camargo, como negro, captou a realidade conflitante que existe (e o atinge) e, a partir daí, começou a decantar a sua criação literária. Vindo da poesia — é um ótimo poeta —, passando pelo conto, o autor entra na novela, procurando, dessa forma, encontrar novas maneiras de expressão para a sua mensagem.

*A descoberta do frio* é um livro desconcertante. Nasce como um simples exercício literário. Sua espiral sobe, envolve o leitor. A dramaticidade com a qual Oswaldo de Camargo trata o seu tema e manipula os seus personagens permite-lhe terminar o livro numa postura de artista que domina a técnica. Disse proposadamente: desconcertante. E explico. Oswaldo de Camargo procura, com muita habilidade, usar de um elemento — o frio — como contraponto dramático e simbólico de toda a obra. Em determinado momento um personagem aparece com frio. Esse frio não é apenas um fenômeno meteorológico, mas um elemento que o autor aproveita para desenvolver o seu recado e articular a sua trama. Um negro com frio. Mas esse frio não vem apenas da atmosfera — outros não o sentem —, e sim de uma situação existencial e social. É um frio centenário. Somente os termômetros do protesto ou da raiva o registram. Um frio que vem como uma peste desconhecida, ao molde de Edgar Allan Poe, que se cola às epidermes, verticaliza-se, vai ao âmago daqueles que o